

## **Apresentação do dossiê de traduções: Neil Smith e a história da Geografia anglo-saxã**

João Alves de Souza Neto  
Prefeitura Municipal de São Paulo, Secretaria Municipal da Educação  
joaosouzacontato@gmail.com

Paulo Roberto de Albuquerque Bomfim  
Instituto Federal de São Paulo, Campus São Paulo  
paulobomfim@gmail.com

Larissa Alves de Lira  
Universidade Federal de Minas Gerais  
laralira@gmail.com

É uma alegria apresentar este dossiê a vocês, leitores, por meio das páginas da Revista Geografias.

Falado, citado, criticado, festejado, mas pouco lido entre nós, Neil Smith (1954-2012) tem seu lugar entre os grandes teóricos da geografia de sua geração. Assim, a versão para o português de seis artigos seus, dentre sua copiosa produção, além de seu obituário, redigido por Don Mitchell, preenche uma lacuna – cremos – para o público interessado tanto da geografia quanto de outras áreas. Com efeito, essa lacuna preenche-se num contexto ibero-americano, dada a óbvia semelhança entre nossos idiomas e a potência da obra e da militância de Neil Smith para a geografia e para a luta política latino-americanas, como o vem demonstrando uma série de iniciativas recentes.

Publicado em 2013 por Don Mitchell, “Neil Smith, 1954-2012: Geografia Radical, Geógrafo Marxista, Geógrafo Revolucionário”, ou “O longo Obituário”, é uma justa homenagem ao geógrafo escocês radicado nos Estados Unidos. Sem jamais ser celebratório ou defensivo, o que “Neil”, como refere-se Don Mitchell a ele, odiaria. O artigo traça um rico panorama de uma vida intensa, também sublinhando a militância – o “imperativo revolucionário” da luta política que foi sua própria vida – e os principais interesses em temas que permeariam sua trajetória, como a gentrificação – desde Edimburgo até Nova Iorque – o desenvolvimento desigual do capitalismo, a produção da natureza e a arguta e incansável pesquisa sobre a história da nossa disciplina.

Iconoclasta, Neil Smith não titubeou em demolir lendas e ídolos acadêmicos, como transparece em “‘Guerra Acadêmica no Campo da Geografia’: A Eliminação da Geografia em Harvard, 1947-1951”, publicado originalmente no *Annals of the Association of American Geographers*, em 1987 (pela *Taylor & Francis*). Toda uma tradição oral, quase folclórica, sobre o fechamento do curso de geografia da Universidade de Harvard é seriamente problematizada por Smith, não apenas como um caso isolado – pois outras vagas de fechamentos de departamentos de geografia varreram universidades estadunidenses nos anos de 1980-1990 – mas, sobretudo, como uma questão, quase sempre negligenciada, da própria fragilidade teórico-metodológica da geografia e da incapacidade dos geógrafos em lidar com ela (ou mesmo admiti-la), bem como em disputar o campo científico no meio universitário. Ao mesmo tempo em que a geografia fora “útil” para os desígnios do Império Americano, justamente nos anos entreguerras e durante a Guerra Fria, Smith também demonstrou que não se tratava de um acaso; muito pelo contrário.

O tema do Império Americano aparece ainda mais detalhado nas relações que o geógrafo Isaiah Bowman travou com o *Council On Foreign Relations*. No artigo “O novo mundo de Bowman e o Conselho de Relações Exteriores”, publicado originalmente em *Geographical Review*, em 1986 (pela *Taylor & Francis*), Smith traça uma história contextual, ampla, variando as escalas de análise entre as políticas americanas para o Novo Mundo, as novas geografias criadas para lhe dar sustentação e a própria trajetória de Bowman. Certamente, trata-se de um artigo muito interessante ao público ibero-americano.

Esses e outros artigos revelam, ademais, a preocupação de Neil Smith com os métodos em história da geografia. Ele criticava uma tal “história privada”, internalista, uma história genealógica, preocupada unicamente com lógica (e a pomposidade) dos conceitos geográficos. Segundo ele, o slogan, “história do pensamento geográfico” reflete essa história. No artigo “Geografia como museu: história privada e idealismo conservador em *The Nature of Geography*”, publicado originalmente em número especial da *Association of American Geographers* sobre Richard Hartshorne, em 1989, Smith atribuiu a Hartshorne a construção desse estado de coisas, assim como a falta de reação de toda a disciplina. Entre outras razões, o interesse dessa crítica se justifica para nós, brasileiros, pois muitas das nossas disciplinas históricas ainda são denominadas como “história do pensamento geográfico” nos cursos

universitários de todo o Brasil. As raízes de um certo isolacionismo da disciplina, também se ensaia explicar aqui.

Uma explicação enfática sobre a necessidade de se construir uma outra história da disciplina é realizada no artigo “Por uma História da Geografia: Resposta aos Comentários”. O artigo fora originalmente publicado no *Annals of the Association of American Geographers*, em 2005 (pela *Taylor & Francis*). A história da geografia deveria livrar-se de ser descritiva, enfadonha e defensiva. Como realizar essa transformação? É a sua discussão.

Finalmente, os últimos dois artigos que compõem este dossiê retratam a preocupação mais recente de Smith, porém já presente no artigo de 1989, com a emergência da “virada cultural”, que passou a se difundir fortemente no cenário acadêmico anglo-saxão, quiçá mundial, já a partir dos anos de 1970. No artigo “A geografia neocrítica ou o mundo plano e pluralista da classe executiva”, publicado originalmente na *Antipode*, em 2005 (pela *Wiley-Blackwell*), ele formula as críticas à virada cultural e relaciona uma parte desse fenômeno à captura do neoliberalismo de parte dos discursos radicais. Em “A diversão da cultura: a política da geografia cultural”, publicado postumamente em uma revista brasileira, *Geographia*, em 2014, Smith relaciona essa emergência cultural com a economia política, procurando criticar e resgatar o potencial transformador da cultura.

Muitas vezes, quando lemos qualquer obra traduzida para nosso idioma, não nos damos conta do quão as traduções são delicadas. Como transcrever uma partitura e se equivocar numa notação, aqui, também, os riscos assumidos por nós, editores, são de nossa responsabilidade, mesmo que tenhamos tentado manter a liberdade dos tradutores. Certamente, buscamos sanar aqueles aspectos técnicos que poderiam macular este trabalho de versão para o português. João Alves de Souza Neto, Larissa Alves de Lira e Paulo Roberto de Albuquerque Bomfim traduzimos alguns artigos e preparamos este dossiê. Agradecemos às editoras anglo-americanas responsáveis pelas revistas citadas acima (direitos reservados a elas e a seus autores), pelas permissões para esta publicação, que compreenderam a necessidade permitirem estas traduções, ato que Neil aplaudiria. Um especial agradecimento vai a Don Mitchell, quem nos incentivou e auxiliou neste projeto. Mais que agradecimentos, deixamos nosso carinho aos amigos que colaboraram também como tradutores: Breno Viotto Pedrosa, Carlos Francisco Gerencsez Geraldino, Clarissa Maciel Cavalcante, Fernando Jose Coscioni, Rafael Augusto Andrade Gomes e Rosana de Campos Fernandes.